

A interdependência como arma: a globalização em reverso

Em antítese com a visão do comércio e da interdependência como antídotos da guerra, muitos questionam agora se a interdependência criada pela globalização não está, ela própria, no cerne do problema.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 17 de janeiro de 2023

1. A ideia de que o comércio internacional contribui para a paz tem raízes antigas no pensamento ocidental. Em meados do século XVIII, Montesquieu escrevia no seu manuscrito *Do Espírito das Leis* (1748), no capítulo 2 do livro XX, no qual reflectia sobre o espírito do comércio, que “o efeito natural do comércio é trazer a paz. Duas nações que fazem comércio entre si tornam-se reciprocamente dependentes: se uma tem interesse em comprar, a outra tem interesse em vender; e todas as uniões são fundadas em necessidades mútuas”. Este texto de Montesquieu contém a inspiração filosófica para o pensamento liberal contemporâneo, a qual vê no comércio internacional e na interdependência poderosos antídotos para evitar guerras. No início do século XX, a ideia foi claramente formulada pelo britânico Norman Angell numa publicação nas vésperas da I Guerra Mundial intitulada *A Grande Ilusão* (1910). Este notava que tinha surgido uma “tal relação de dependência recíproca entre as capitais do mundo que qualquer perturbação” se repercutia rapidamente entre estas. No sector financeiro existia “uma dependência mútua de Nova Iorque e Londres, de Londres e Paris, e de Paris e Berlim num grau sem precedentes na história” (ver Norman Angell, *A Grande Ilusão*, trad. br, Imprensa Oficial do Estado/Editora Universidade de Brasília, São Paulo, 2002. pp. 40-41). Assim, a elevada interdependência financeira e económica no mundo moderno tornavam irracional o recurso à guerra.

2. Todavia, a guerra não desapareceu, nem no século XX nem no século XXI. Com a invasão russa da Ucrânia em 2022 e o regresso da guerra à Europa, os fantasmas do passado voltaram a emergir. Mais do que em inícios do século passado, o mundo actual é globalizado e profundamente interdependente. Em antítese com a visão do comércio e da interdependência como antídotos da guerra, muitos questionam agora se a interdependência criada pela globalização não está, ela própria, no cerne do problema. É o caso de um recente livro de Mark Leonard que aborda o tema das implicações da conectividade nos múltiplos conflitos (ver Mark Leonard, *The Age of Unpeace: How Connectivity Causes Conflict*, Random House, 2021). A tese fundamental é a de que “as conexões que ligam o mundo também o estão a separar” nesta altura. Segundo Mark Leonard, o que está a ocorrer é que “o comércio, as finanças, os movimentos de pessoas, as pandemias, as alterações climáticas e, sobretudo, a Internet” estão a ser usados como armas contra os adversários. O paradoxo é que se, por um lado, um mundo interligado

“permite que nações e pessoas trabalhem em conjunto, façam comércio, aprendam uns com os outros e desenvolvam laços de amizade, por outro lado, a mesma conectividade “dá às pessoas a uma oportunidade de lutar, as razões para competir e o arsenal a utilizar”. Acrescenta este que à medida que o mundo se conecta mais intensamente “estes pontos de contacto criam mais fontes potenciais de conflito e fornecem mais oportunidades para interferir nos assuntos uns dos outros”. A ser assim, estaremos perante uma metamorfose da conectividade que pensávamos destinada a unir o mundo, estando agora, em vez disso, a transformá-lo num campo de batalha global.

3. A ideia da transformação da interdependência no mundo globalizada em arma geoeconómica é analisada numa outra recente publicação (ver Daniel W. Drezner, Henry Farrell, e Abraham L. Newman, eds. *The uses and abuses of weaponized interdependence*. Brookings Institution Press, 2021). Nela é evidenciado como olhar para interdependência (apenas) como algo que tornou o recurso à força militar tendencialmente proibitivo, obscurece que esta origina também novos instrumentos de poder e de coerção. Podem ser usados pelos Estados dominantes para manter a sua hegemonia (caso dos EUA) e pelos Estados que contestam a ordem liberal internacional instituída (casos da China e da Rússia, entre outros). Como mostram Daniel W. Drezner, Henry Farrell, e Abraham L. Newman, há um poder estrutural que decorre das redes (financeiras, de comunicações, de energia e outras), o qual favorece os Estados que dominam os seus nós centrais e de estrangulamento. Complexas cadeias de abastecimento de produtos, redes financeiras globais e a Internet estão no centro da globalização. Trazem uma maior cooperação benéfica para todos, mas também novas possibilidades de sancionar e coagir os adversários em proveito próprio.

4. O ponto crítico está assim na desigualdade de poder estrutural que favorece, como já notado, certos Estados em detrimento de outros. Por exemplo, os Estados com autoridade política sobre os nós centrais das estruturas globais em rede dispõem de uma vantagem única para impor custos a outros. Para além do uso do comércio internacional como arma de pressão política — algo que já tem um longo historial —, a interdependência criada pela globalização trouxe a possibilidade de usar novas armas ligadas à assimetria do sistema. Um exemplo claro é o actual sistema financeiro global que intensificou a centralidade dos EUA devido ao papel do dólar como moeda de reserva e ao facto de ser a mais transaccionada e usada no comércio internacional (num valor bastante superior à quota dos EUA nas importações e exportações mundiais). Nos últimos anos, usando esse poder estrutural, as sanções financeiras tornaram-se uma das armas preferidas dos governantes norte-americanos. O caso das sanções à Rússia é o exemplo mais recente. Pela sua posição dominante no sistema financeiro global, os EUA, aqui em sintonia com a União Europeia, pressionaram, com sucesso, a Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunications (SWIFT) — uma rede empresarial privada criada nos anos 1970 para transmitir instruções de pagamento entre bancos localizados em diferentes jurisdições —, de forma a banir a Rússia do sistema. Assim,

foram criadas dificuldades substanciais nos pagamentos da energia transaccionada, danificando a economia russa.

5. Utilizar a interdependência como arma tem efeitos secundários na globalização. O caso dos EUA é o mais paradoxal. Foram quem mais impulsionou a globalização comercial, financeira, tecnológica e da Internet. Todavia, estão agora no centro da tendência inversa, algo que começou, de forma estridente, com Donald Trump, mas se intensificou, de forma discreta, com Joe Biden. Usar a interdependência como arma, para coagir ou sancionar rivais e adversários ao nível financeiro, comercial ou tecnológico — desde logo a China e a Rússia —, tem repercussões mais vastas e de longo alcance do que poderíamos pensar. Leva a que a globalização, apesar das muitas críticas que sempre mereceu, se afaste, ainda mais, da lógica colaborativa, para ser um terreno de confronto, diluindo as fronteiras entre a paz e a guerra. É aquilo que num título bem conseguido de Rosa Brooks da Universidade de Georgetown foi traduzido pela ideia de que “tudo se transformou em guerra” e de que guerra e paz “não são opostos binários, mas sim os limites exteriores de um continuum”. Mas este é um mundo perigoso, pois corrói as regras e o papel de organizações que sustentam a própria ordem internacional liberal. Estimula os Estados que mais a contestam a encontrar alternativas ao poder estrutural dos EUA e do Ocidente, levando, no longo prazo, a acelerar o seu desgaste e perda de influência no mundo.

<https://www.publico.pt/2023/01/17/mundo/analise/interdependencia-arma-globalizacao-reverso-2035409>